



## DO TODO À PARTE

O professor, arquiteto e urbanista José Cláudio Gomes formou-se, em 1953, com a primeira turma da FAUUSP. Influenciou a formação de centenas de alunos que, entusiasmados, assistiam às suas aulas naquela escola, de 1961 a 1991, e, posteriormente na UNESP de Bauru, até 1998, quando se aposentou.

Recentemente, num encontro com um grupo de interessados em seu trabalho, ele falou a respeito do método de projeto que intitulou “Do todo à parte”. É justamente do que trata o ensaio visual deste número da revista. Reunimos aqui uma síntese de sua fala e um conjunto inédito de desenhos, que revelam uma vigorosa reflexão projetual.

Como a gente começa um projeto? Cláudio Gomes responde que esse tipo de questão vale um curso inteiro de arquitetura, pois envolve problemas de método.

Mas há algum método de arquitetura? Ele responde que arte não se aprende, recordando-se da aula inaugural de Mário de Andrade, “O artista e o artesão”, na Universidade do Distrito Federal do Rio de Janeiro, em 1938. Ele continua: arquitetura ainda é arte.

É verdade que há processos de aprendizado que ajudam a desenvolver o projeto, mas não se trata de arte, mas de artesanato que, este sim, é possível ensinar. O artesanato lida com o objeto a construir, com o fabricar, com o método de fazer arte, como executá-la. O artesanato permite, enfim, ensinar ao menos o que é possível aprender. Há método, mas cada um tem o seu. Portanto, “o meu método pessoal é o meu projeto pessoal”, e disso é possível falar.

Feita a introdução, vamos ao método. O conceito de estrutura é sempre fundamental. Na arquitetura, na cidade, no edifício. Qual o contexto em que se coloca tal objeto? Há sempre um contexto histórico, algo que preexiste e será alvo de uma abordagem estrutural, de contexto, das variáveis que preexistem ao lugar. Se não se souber a contextualização, não se saberá coisa alguma.

Um exemplo, a Serra do Espinhaço, as pedras que estão lá, Diamantina [...]. E por que Diamantina, por que aquele lugar? Desde a primeira viagem que Cláudio Gomes fez à região, em 1974, foi despertado para “entender racionalmente porque achei aquele lugar tão fundamental”. Foi o começo de reflexões, de projetos e estudos que desenharam particularmente sua trajetória metodológica.

Nas linhas básicas do lugar, o *genius locci* surge e jamais haverá dois iguais. É a leitura da paisagem, o princípio de tudo, que, também, se pode ensinar. E lembra-se de Lúcio Costa, “o maior arquiteto brasileiro”, de seus “bloquinhos de Portugal” e do mesmo deslumbramento que Diamantina lhe despertara em 1924. “Algum anjo bom” os juntou para verem o que era arquitetura em Diamantina. E a chave disso tudo repousava lá, no lugar. Qual o espírito do lugar? O que diz sua estrutura vegetal,

mineral, natural? E, prosseguindo com a precisão da análise, qual a forma que esse contexto atinge, buscando a compreensão do que o olho vê, das grandes paisagens ao jardim do quintal?

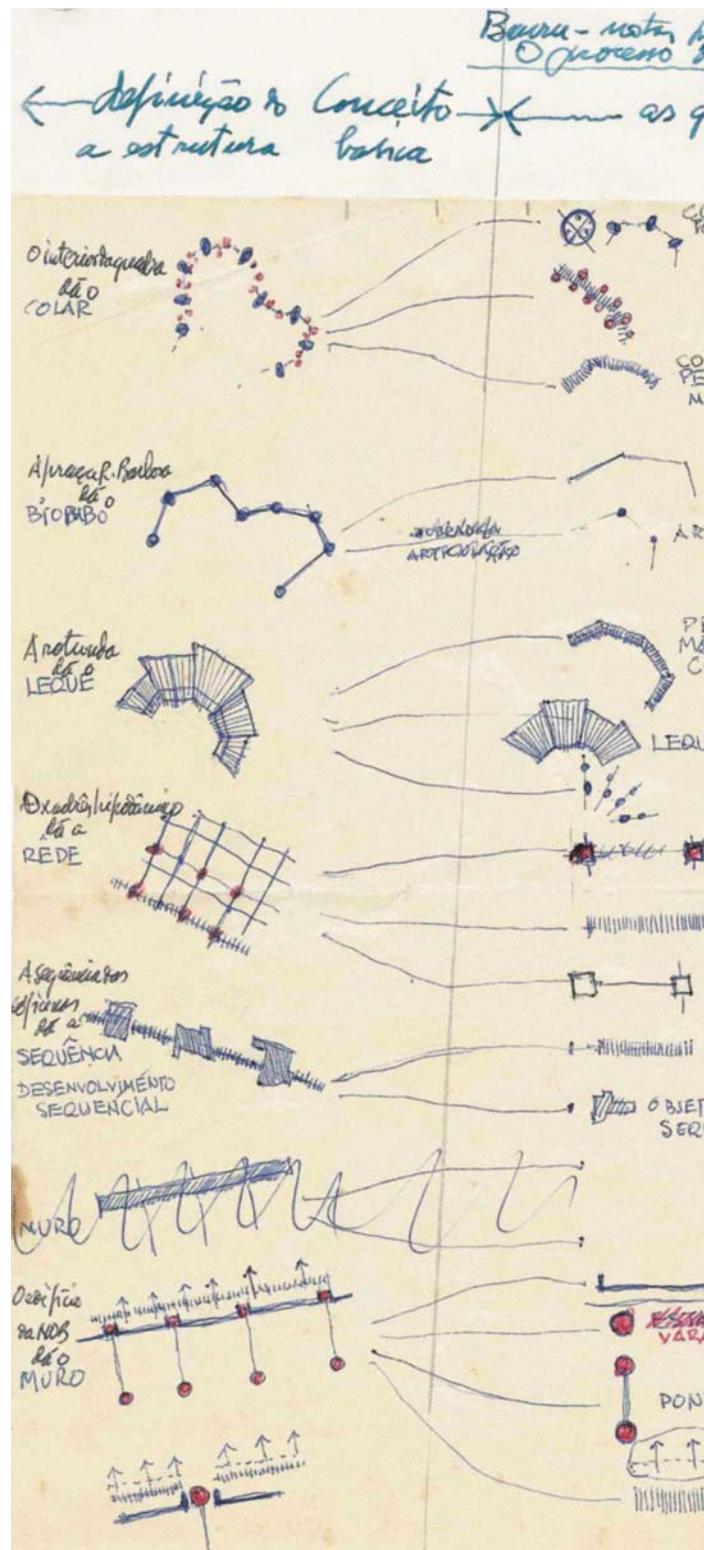
Em Diamantina, a estrutura selvagem assusta todo mundo. O Ribeirão do Inferno retrata bem a rusticidade da paisagem mineral do lugar. A forma é sempre dura, e, em meio a outros elementos, como a luz, surgem angulosidades pontiagudas, coloridas, vermelhas, arroxeadas, perfurando o espaço, mesclando-se à paisagem da floresta. “O fundamental da paisagem do Espinhaço é a rudeza”.

A forma, os desenhos da forma, o caráter formal da paisagem despontam dessa estrutura básica. Do primitivo Arraial do Tejuco, sobre o qual se erigi Diamantina como intendência tão logo Portugal se dera conta das riquezas minerais do lugar, à aproximação com a forma da cidade e do urbano. A “arquitetura da cidade”, a “arquitetura urbana”, as unidades da linguagem do lugar, dos materiais e das técnicas são processos artesanais que movimentam o material, dizem sobre suas exigências, e isso pode ser ensinado. Eles são os elementos do projeto e é o que se vê na sequência de desenhos de seus “diários” de viagens de estudos.

Um esquema geral de seu processo de projeto foi extraído de um estudo desenvolvido para o centro de Bauru. Os demais, formando uma série extraída entre inúmeros desenhos, ilustram estudos sobre o lugar de sua predileção: a região de Diamantina, em Minas Gerais, e detalhes da cidade e de sua arquitetura.

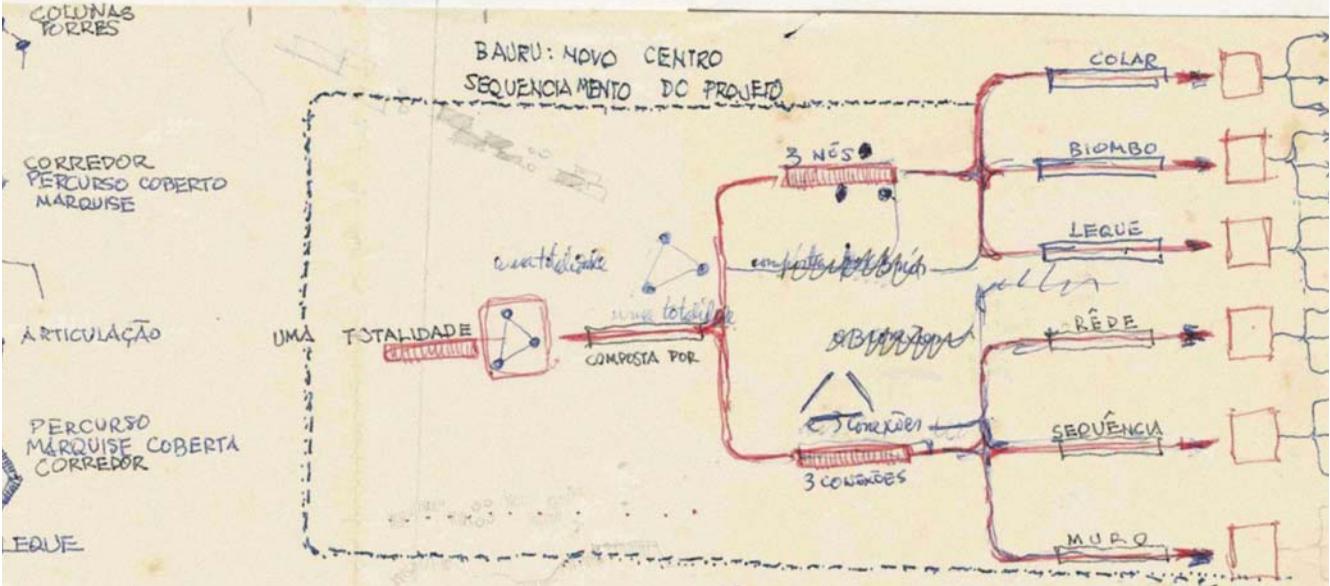
Manoel Lemes da Silva Neto

Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da PUC Campinas



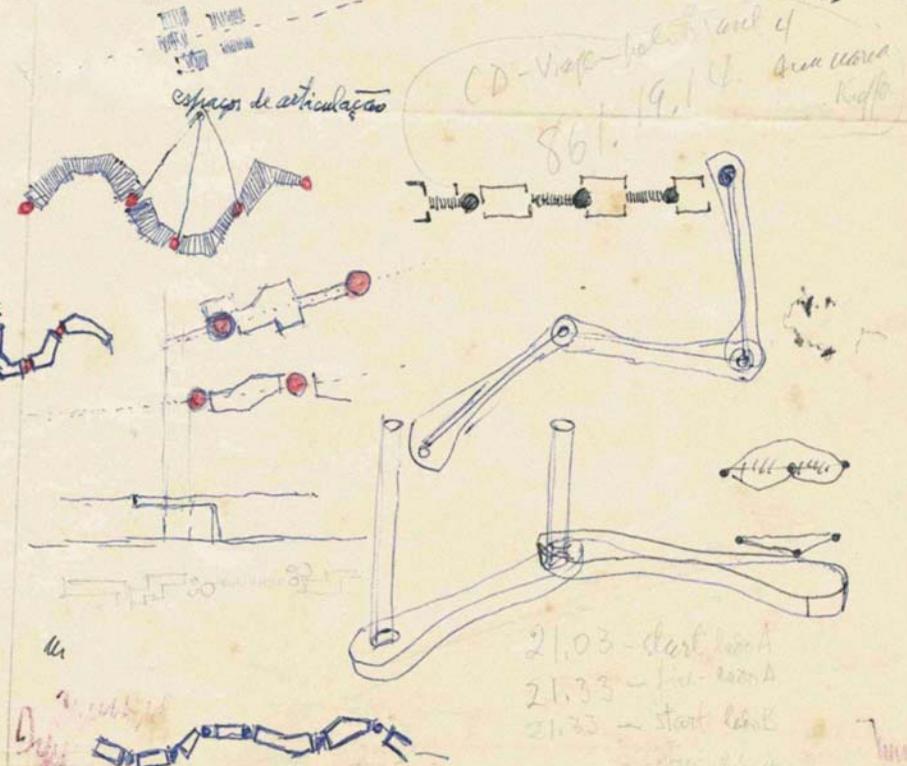
o projeto novo Centro  
o projeto.

as qualidades da forma → o desenho específico  
materiais - dimensões - quantidades.

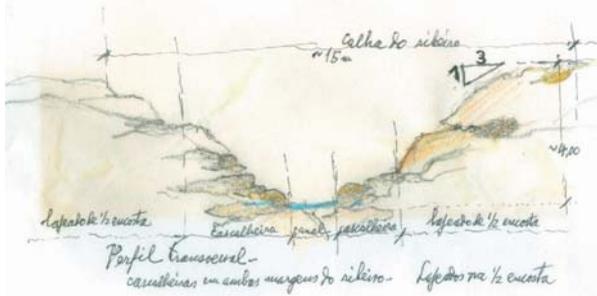
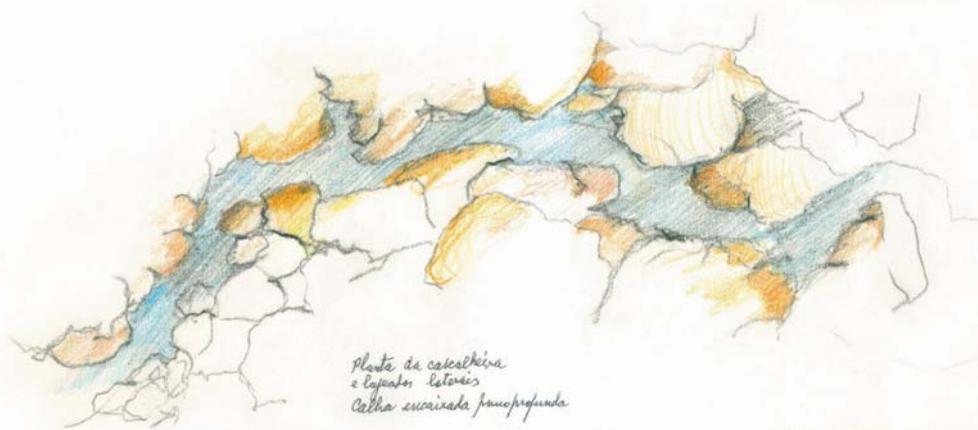


- ESTÁGIO VARANDA
- CORREDOR GALERIA COBERTA PERCURSO
- PONTE
- PERCURSO COBERTO CORREDOR
- OBJETOS EM SEQUÊNCIA SEQUÊNCIAS ARTICULADAS

- OPACIDADE
- PONTE
- TRANSPARÊNCIA
- PERCURSO DESCOBERTO



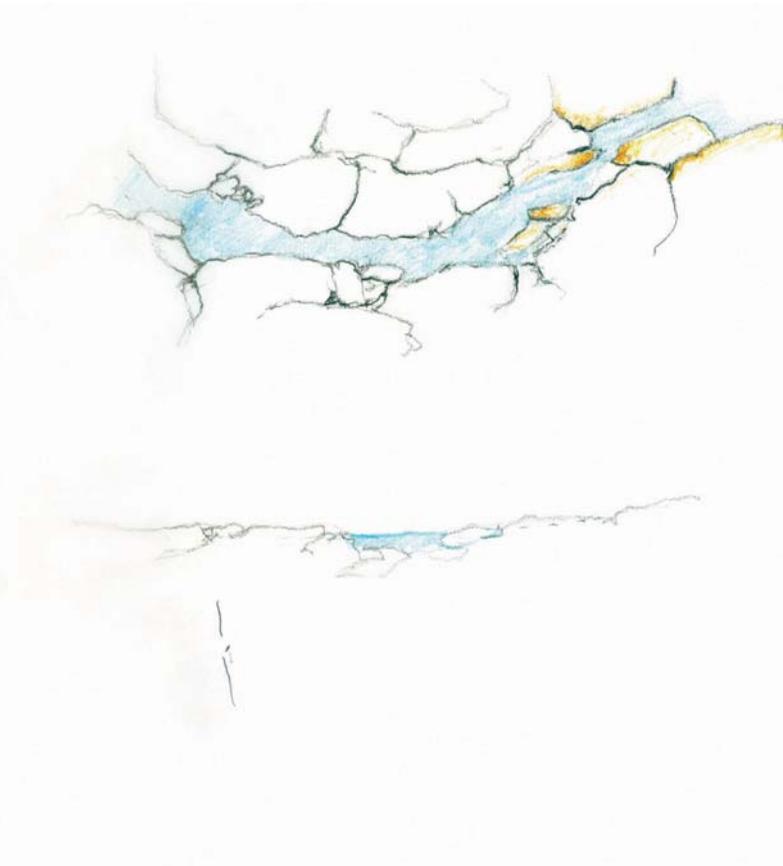
A fonte da água e da rocha



Exemplo nos rios da região de Copacabana/Rio de Janeiro  
Calha pouco profunda. Rios abundantes  
e cascatas muito variadas e variadas.  
Aspecto muito característico da zona  
pretada. Aspecto em todo ribeiro  
e afluentes.

(\*) - 1/3 - altura/largura -

RIO/01  
JCG/01



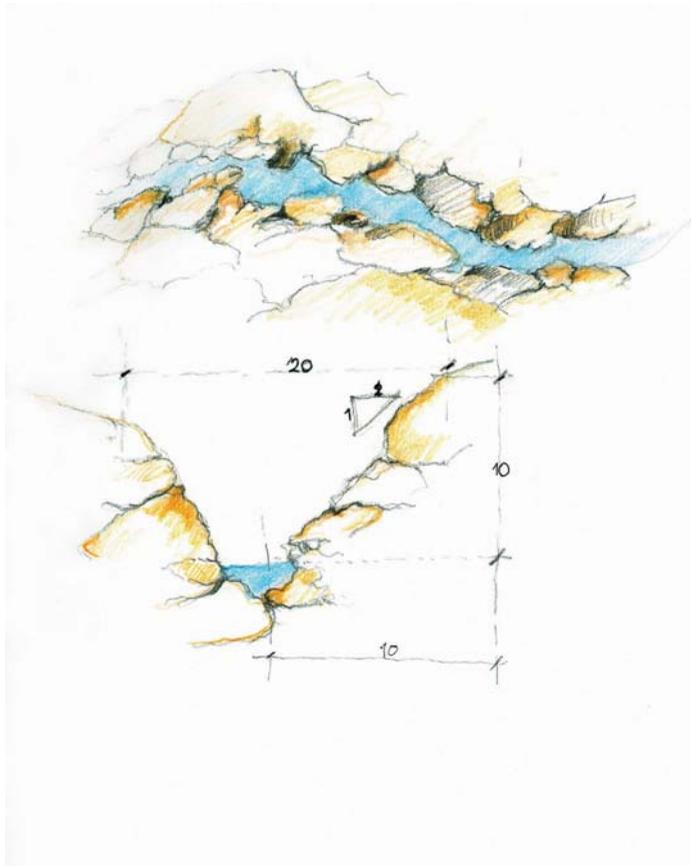
### Lajeado plano

Nestas margens esculpidas em forma de lajeado plano. Pedras de rocha em estratos horizontais. A água corrente ainda não escava a rocha em profundidade. A certa distância, na mesma distância o leito do rio não se distingue do plano do lajeado circunstante. Nos lotonais ausência de cascata e de dissipação da rocha, lajeado.

Ocorrência localizada no lajeado de Matão Verde no caminho para o Cajivari.

01.01.04

J. C. Gomes



### Riviera profunda e estreita

O curso hávia escavou a rocha profundamente formando uma ravina acidentada. Leito da calha extremamente estreita e às vezes muito profunda. Formação frequente de aberturas profundas.

Profundidade largura/ profundidade angular de 1:2

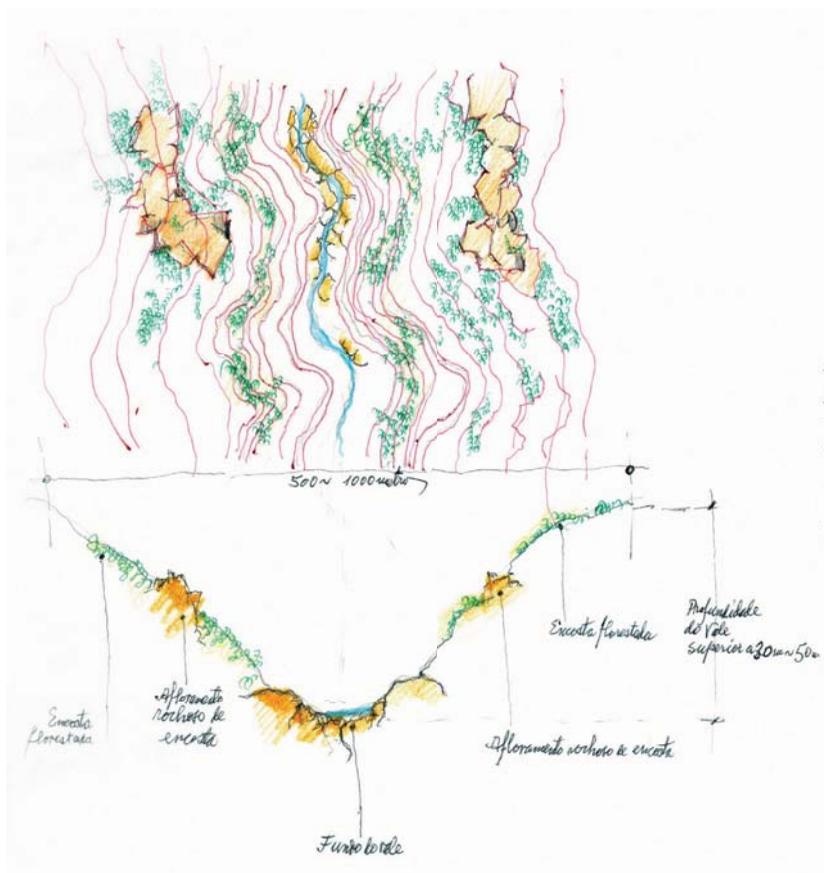
Inclinação da encosta acidentada frequentemente 1:1

Perfil transversal profundo de acordo as várias proporções de 1/2 na relação altura-largura da calha do ribeirão.

É o caso típico da ponte do rio São Gaspar do Rio das Pedras junto à ponte do Val. onde o leito da calha forma garganta estreita e profunda.

01.01.01

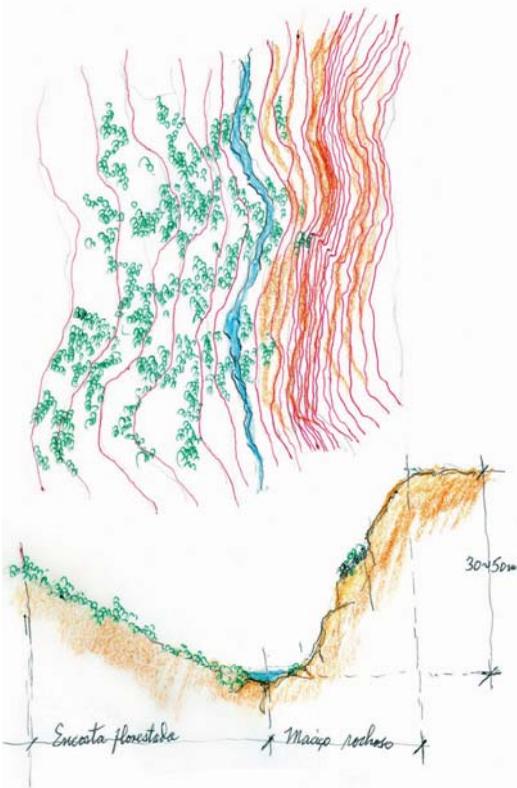
J.C. Gomes



### Vale Amplo e Profundo Florestado

A situação em que ocorre um vale de grande amplitude e profundidade em geral superiores a 500 ou 1000 metros de amplitude por profundidades superiores a 30 ou 50 metros. Visões de longe estes vales escavam o Curso Régua de forma sinuosa. No litoral, sobretudo entre Lameira do Infante e a Trajosa este paisagem ocorre com frequência.

010101  
J.C. Gomes



### Vale Simétrico

A margem direita é abste para uma encosta suave e relativamente planificada. A margem esquerda fica comprimida pela escarpa rochosa formando paralela a jusante.

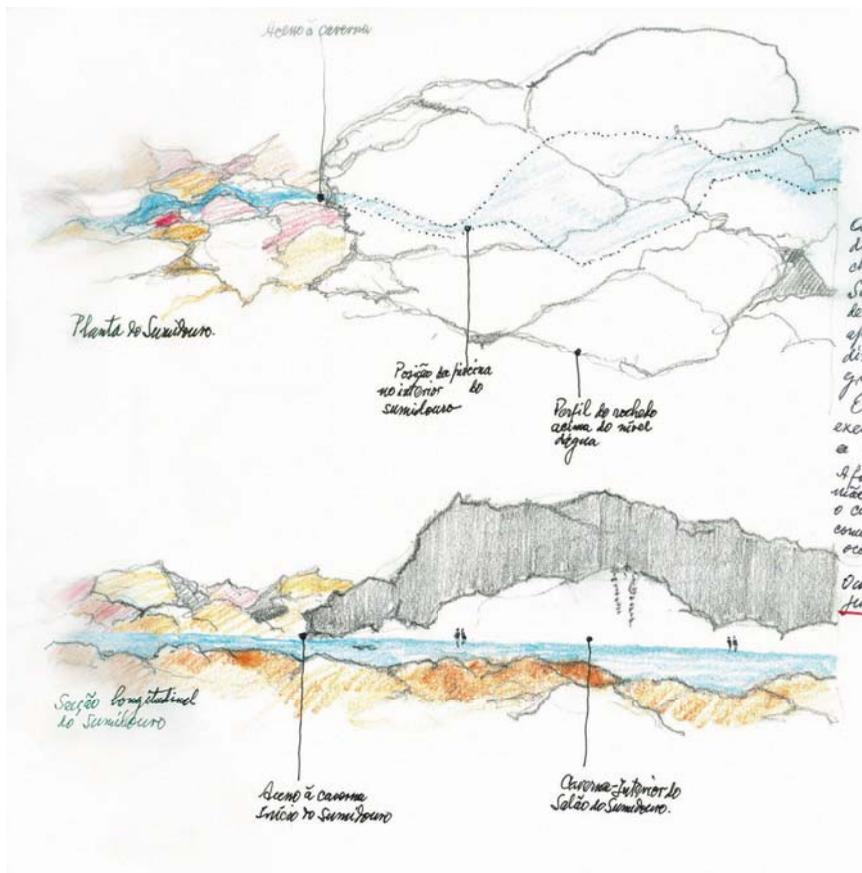
O vale é fortemente condicionado pela escarpa rochosa que confere grande estabilidade longitudinal e lateral à confluência do rio. A pouca amplitude do vale fluvial apresenta a faldesa rochosa do rio conferindo grande presença à massa vertical.

A assimetria das duas margens do vale é responsável pela originalidade do tipo de vale fluvial.

O exemplo mais significativo: o vale do rio Tejuco; o vale do Rio Grande e a Serra dos Carajás. Vale alongado, encostas entre parados dos Carajás, a leste e suave encosta da Serra S. Antonio a oeste.

04010A

J. Gomes



### Sumidouro

Quando o rio escava rocha de grandes dimensões formando grandes fendas chamamos "caldões" interiores ao rechaço. Sumidouros podem apresentar cordões de rochas no interior da rocha mãe, apresentando sucessões de "caldões" de dimensões variadas as vezes de grande altura.

O Sumidouro é um dos mais bonitos exemplos de luta da água contra a rocha.

A forma como a água penetra no interior da rocha não se vê. Então, há um lugar o curso da água, daí o nome "Sumidouro" como popularmente é conhecida esta ocorrência paisagística.

Observação no rio do Ribeirão Inferior perto à Cabeca Morenicida

010101

J.C. Gomes

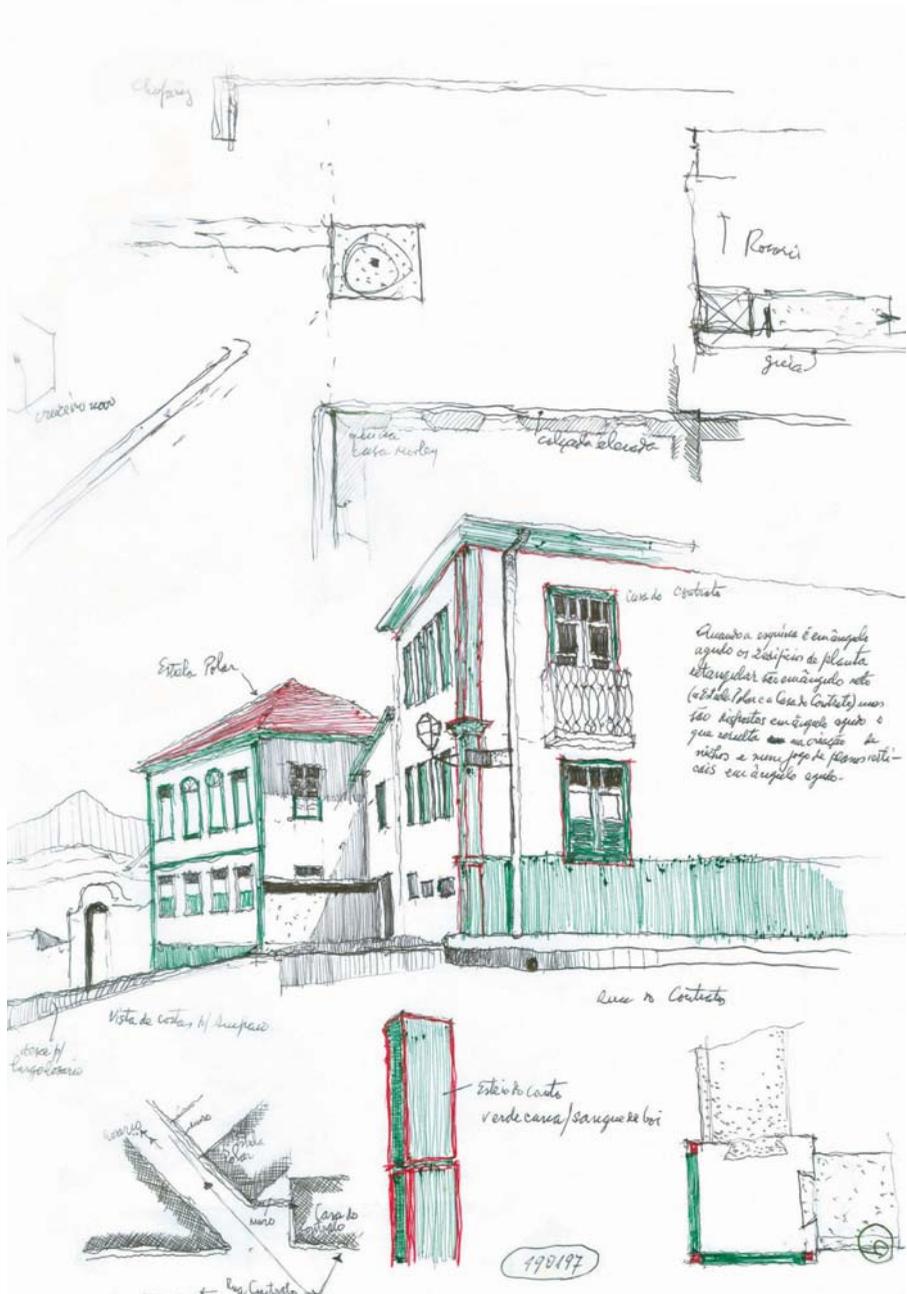


190197

Antigo Largo da Cavalhada, ou simplesmente Cavalhada  
relatada pela Helena Morley em seu diário de 1893-1895 e por  
João Felício do Santos e outros cronistas.

Hoje é espaço mais informal, marcado por canteiros sem grade  
e cunhastrada. Cortado por ruas sem muita largura entre  
os canteiros. O conjunto de casas mostrado no desenho é  
definitivamente sem o menor interesse e ele faz  
parte do planejamento da rua Rio Grande que se abre  
num largo que é o da Cavalhada.

O Rio Grande e a Rua do Rio Grande que o margem deve  
ter sido uma das entradas do antigo Tijucas formando o  
seguinte conjunto do Sul para o Norte: Serra Milho Verde,  
Boa Vista (ou Extração) Palma, Estrada da Farinha Seca,  
Estrada do Carro (atual Rua do Carro) Cavalhada (atual  
Pr. Prado)





Itinerário (230/97)

9hs ~ 15hs



- 44 - Escola Mata Machado
- 43 - Macauba Baixo
- 42 - Spatolca florida
- 41 - Conjuntos casas humildes ruínas antigas pretos
- 40 - Paraíso
- 39 - Hospital Interuidade
- 38 - Lavabóias da cachoeira X
- 37 - Serra
- 36 - Afluente Rio Grande
- 35 - Rio Grande

- vista baixa p/ Serra
- 34 - DER
  - 33 - Fim da Rua Amarel Fornos - placa encosto
  - 32 - Cachoeira - rural
  - 31 - Casa Luiz Santana filho ex escravo
  - 30 - Rua Amarel dos Fornos
  - 29 - Baldeio
  - 28 - Fundos Colégio N. S. D. D. S.
  - 27 - Rota Senzala do Fornos
  - 26 - Chacara Tê Totu
  - 25 - Carate Tê Totu
  - 24 - Tenue grande baldio de cunha pto
  - 23 - Chacara de alprado fazenda no mangote
  - 22 - Casa de Zempous La rua
  - 21 - Comercial Amarel
  - 20 - R. Amarel dos Fornos
  - 19 - Grande tenue baldio mercado
  - 18 - Apartamento T+2
  - 17 - Pra Cap. Henrique Souza
  - 16 - Praça Vicente F. Fonseca / Amarel dos Fornos
  - 15 - Portão Moderadora
  - 14 - R. Vereador Joaquim Macedo
  - 13 - R. José Coelho de Moura
  - 12 - Casa Carmelo
  - 11 - R. Olímpio Mourão
  - 10 - R. Carlos Ottoni
  - 9 - R. Carlos Ottoni Mercado Mourão
  - 8 - Ant. Augusto Jesuit. ulucaba
  - 7 - Praça Carlos Ottoni
  - 6 - R. Gloria
  - 5 - CEMIG
  - 4 - Ex Normal
  - 3 - Truena Estudantes
  - 2 - Macaco do Meico
  - 1 - Hotel Tijuco

Joaquim Dayrell  
pai de Lygia Dayrell  
casada com Leandro Costa